

La Comédiathèque

**Apenas um instante antes
do fim do mundo**

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Apenas um instante antes do fim do mundo

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Três indivíduos que não se conhecem são convocados para participar de um júri popular. Pelo menos foi o que lhes foi dito. Mas o lugar onde foram reunidos não é um tribunal. Aprendem que estão lá para decidir em conjunto como lidar com as consequências de uma catástrofe inevitável que vai atingir o mundo num futuro muito próximo. As opiniões divergem e muitas reviravoltas reavivam o debate. Ao longo deste espetáculo imersivo, o público também será convidado a expressar a sua opinião para guiá-los nas suas escolhas, para que eles tomem a melhor decisão possível para enfrentar a pior das situações imagináveis...

Distribuição

Fred: Professor

Max: Empregado(a) de bar

Alex: Músico

Sam: Conselheiro

*Todos os papéis são masculinos ou femininos, sem qualquer alteração no diálogo.
Nesta versão, Max e Sam são homens, Alex e Fred são mulheres.*

ACTO 1

O palco está vazio, exceto três cadeiras, uma mesa e um frigorífico. Max chega, com uma máscara sanitária branca no nariz e na boca, e uma venda preta nos olhos. É guiado por Sam. Max vem de um passado da classe trabalhadora. Está vestido de acordo. Sam está vestido de preto e pode usar óculos escuros. Tem debaixo do casaco um coldre com uma arma, que não veremos imediatamente.

Max – Então, já chegamos?

Sam – Sente-se aí.

O Sam obriga o Max a sentar-se numa cadeira.

Max – E a venda, para que é exatamente?

Sam – Já pode tirar a venda.

Max – E a máscara?

Sam – A máscara também.

Max remove a venda e a máscara.

Max – Qual é o objectivo deste circo?

Sam – Não se preocupe, vai descobrir em breve.

Max – Não se preocupe? Como quer que não me preocupe? Recebo uma intimação da policia porque fui escolhido para ser um júri no tribunal. Quando lá cheguei, eles vendaram-me os olhos, puseram-me numa carrinha e trouxeram-me para aqui sem qualquer explicação. Onde estamos primeiro?

Sam – Se tomámos a precaução de lhe vendar os olhos, não é para lhe dizer agora onde estamos. Não faria sentido, admita...

Max olha ao redor.

Max – Não parece um tribunal... *(Apontando para o público, um tom mais baixo)* E quem são, todas estas pessoas? O público que vai assistir ao julgamento?

Sam – Explico-lhe tudo isto quando os outros chegarem.

Max – Os outros? Quer dizer... o resto do júri?

Sam – É o resto do júri...

Max – E quantos seremos, exatamente?

O telemóvel do Sam toca.

Sam – Desculpe-me. *(No telefone)* Sam... Está bem... Ok, estou a ir... *(Desliga o telemóvel.)* Vou deixá-lo um momento. Se tiver sede, há bebidas frias no frigorífico.

Max – Obrigado...

Sam sai. Max olha ao redor de novo. Dá a volta ao palco. Olha para o público. Depois de uma hesitação, abre o frigorífico e olha para dentro. Pega numa lata de cerveja, abre-a e bebe um gole. Parece gostar. Depois aproxima-se do público e dirige-se a alguém.

Max – Sabe por que estamos aqui?

Se o espectador responder às perguntas, criar uma a pequena improvisação para encerrar uma conversa.

Sam regressa, acompanhando Fred e Alex. Ambos usam máscaras sanitárias e estão de olhos vendados. Fred está vestido com muita elegância. Alex, por seu lado, tem um aspeto de roqueiro.

Sam – Chegamos. Podem tirar as vendas.

Alex – Já não era sem tempo...

Fred – As máscaras, também? É asfixiante...

Sam – Sim as máscaras também!

Alex – Espero que quando abirmos os olhos, não vejamos um pelotão de fuzilamento.

Fred – Ou um bolo de aniversário... Talvez seja uma piada, afinal de contas.

Sam – Isto não é uma piada, garanto-vos.

Fred – Além do mais, hoje não é o meu aniversário.

Ambos tiram as vendas, piscam os olhos, um pouco deslumbrados, e olham em volta. Também removem as máscaras.

Alex – Onde estamos?

Fred – Estamos no tribunal? O público já cá está...

Alex – Não vamos ser julgados, pois não?

Max sempre tem a cerveja na mão.

Max – Por que seríamos julgados? Eu não fiz nada!

Sam – Não é acusado de nada, fique descansado. E não é a si que vamos julgar.

Fred – Então, vamos julgar quem?

Alex – Terroristas? É por isso que toma tantas precauções?

Max – Eh! Eu não me inscrevi para isto! Eu preocupo-me com a minha pele.

Sam – Não vamos julgar ninguém.

Fred – Então o que estamos a fazer aqui?

Alex – Disseram-nos que tínhamos sido convocados por sorteio para um júri.

Sam – Nós dissemos para um júri. Não para um júri de julgamento em tribunal.

Fred – Que tipo de júri, então?

Max – Certamente não é o júri para a eleição de Miss Portugal...

O telemóvel do Sam toca outra vez. Responde.

Sam – Sam... Sim... Ok, estou a ir... *(Coloca o portátil de volta no bolso)* Com licença, volto já...

Sai. Os outros observam-se uns aos outros, suspeitos. E olham ao seu redor.

Fred – É um pouco sinistro, para um tribunal, não é?

Max – Não sei... Um tribunal... Até agora, nunca tive a oportunidade de ver um. E você?

Fred – Eu também não...

Alex – Encontrou algo para beber?

Max – No minibar. Vá em frente, sirva-se...

Alex – Vou esperar um pouco... Prefiro saber primeiro as tarifas do serviço de quartos...

Max – Porquê acha que é a pagar?

Alex – Estou desconfiado, só isso.

Fred – O senhor veio antes de nós. Está aqui há muito tempo?

Max – Cinco minutos, nem isso. Por isso estão como eu não conhecem nada.

Fred – Não.

Alex – Até confiscaram os nossos telemóveis. Estamos completamente isolados do mundo.

Fred – Se eu soubesse esta manhã, quando saí de casa, que me veria embarcado numa aventura como esta...

Max – De onde é?

Observam-se cautelosamente uns aos outros.

Alex – A questão não é realmente de onde vimos, mas sim onde estamos.

Fred – E o que estamos a fazer aqui.

Max – Ouvi dizer que fomos sorteados.

Alex – Sim... Para um júri de um julgamento. Mas acabou de nos dizer que não estávamos cá para julgar alguém. Portanto, temos algumas razões para não acreditar em tudo o que nos dizem.

O Fred tira um papel do bolso e olha para ele.

Fred – É verdade que na convocatória, não está claramente especificado que é para um júri de um julgamento...

Max – Sim... mas foi o que todos entendemos.

Fred – Um papel timbrado da República, uma convocatória da polícia para fazer parte de um júri. Qualquer um teria percebido isto.

Max – E depois um júri de um tribunal não são apenas três pessoas, pois não?

Alex – Acho eu que é cerca de uma dúzia.

Fred – Sim, é verdade. Como no filme.

Max – Que filme?

Alex – "Doze homens furiosos!".

Fred – É verdade. Eles têm de decidir se condenam à morte um homem inocente acusado de homicídio.

Max – Não sei...

Alex – E convenientemente, o acusado é um homem negro.

Fred – É apenas um pobre miúdo de 18 anos.

Max – Você tê-lo-ia condenado?

Fred – Não sei... Tinha que conhecer o processo primeiro, certo?

Max – Eu, sou a favor da pena de morte.

Alex – Mesmo para os inocentes?

Max – Inocentes? Se formos ouvi-los, todos os bastardos que estão na prisão são inocentes.

Alex – Bem... Promete...

Silêncio pesado.

Max – Doze, tem certeza?

Fred – Pode haver mais para vir...

Alex – De qualquer forma, ouviu. Ele disse que não era por isso.

Max – Se não é para um julgamento, para o que é?

Fred (*mais baixo apontando para o público*) – E eles sabem por que estão aqui?

Max – Perguntei-lhes. Também parecem não saber...

Fred – Então vamos ter de esperar... (*Silêncio*) Se tivermos que passar algum tempo juntos, é melhor nos apresentarmos. O meu nome é Fred, e você?

Max – Max.

Alex – Alex.

Novo silêncio embaraçoso.

Fred – Estou um pouco com sede, finalmente. Alguém quer alguma coisa?

Alex – Não obrigado!

Fred abre o frigorífico e pega numa lata.

Max – Espero que não nos mantenham aqui muito tempo, porque tenho mais que fazer. E quando não estou a trabalhar, não me pagam.

Alex – O que faz?

Max – Empregado de mesa. Numa cervejaria. Não podemos sequer abrir à noite. E você?

Alex – Músico.

Max – Ah, ok...

Alex – O que quer dizer com, ok?

Max – Que para si também, não deve ser fácil.

Alex – Não...

Max – Os concertos já acabaram há muito...

Alex – Estamos a fazer um álbum e vamos colocá-lo na Net.

Max – Estou a ver... E você?

Fred – Professor.

Max – Estamos todos no mesmo barco. Porque falar com crianças através de uma máscara.

Fred – Sim...

Max – Não deve ser fácil. Especialmente quando tem de gritar com eles. Não sente que tem um açaimo?

Fred – Um pouco, sim...

Max – Barman, professor, músico... É curioso, antes tínhamos trabalhos muito diferentes. Agora, estamos todos no mesmo barco.

Alex – Antes, já era assim, não?

Max – O quê ?

Alex – Já estávamos na mesmo barco.

Max – Sim... Mas hoje, para se poder remar, é preciso usar máscaras.

Alex – E quando acabar de remar, com o recolher obrigatório, tem de ir diretamente para casa, e não sair até à manhã seguinte. Metro, trabalho, dormir... Não são só os professores que são amordaçados...

Max – Sim... Acabaram-se os encontros nos bares para conversar com os amigos.

Alex – Ou mesmo em frente à sua casa para conversar com os vizinhos...

Max – Para nós, era sobretudo à noite que trabalhávamos. O nosso volume de negócios foi reduzido para metade. Então, as gorjetas...

Fred – Também não é o fim do mundo. Temos de fazer algo para tentar impedi-lo.

Alex – Não é o fim do mundo, não. É apenas o fim de um mundo. Não sei se quero viver no que nos querem impor, a pretexto de nos proteger.

Fred – Se tiver outra solução...

Alex – Parar de viver para evitar morrer, será essa a solução?

Max – De qualquer forma, por enquanto, estamos a ser mantidos reféns aqui, sem sequer saber onde estamos, e sem que as nossas famílias saibam onde estamos.

Fred – Você é casado?

Max – Não, mas podia ser. E você?

Fred – Eu também não.

Alex – Nenhum de nós é casado. Isso é pelo menos uma coisa que temos em comum.

Fred – Podem ter-nos escolhido por isso.

Max – Para que os nossos cônjuges não se arrisquem a preocupar-se com o nosso desaparecimento?

Alex – Pensei que tínhamos sido escolhidos por sorteio!

Pausa

Fred – Eu tenho um gato.

Alex – Desculpe?

Fred – Tenho um gato à minha espera em casa.

Alex – E tem medo que ele fique preocupado?

Max – Gatos, desde que lhes dêem de comer.

Fred – Precisamente, só planeei comida por um dia ou dois. Não pensei que pudéssemos ficar retidos por vários dias seguidos. E depois não trouxe nada comigo. Nem mesmo uma escova de dentes.

Alex – Porque pensa que vamos dormir aqui?

Uma pausa.

Max – Bem, estou farto disso, vou-me embora...

Fred – Não tenho a certeza se temos o direito.

Alex – O direito?

Max – De qualquer forma, vou fumar um cigarro lá fora e tentar descobrir onde estamos.

Vai-se embora nos bastidores.

Alex – O que acha?

Fred – O tipo disse que ia voltar.

Alex – Ah, sim... Sam...

Fred – Sam?

Alex – O polícia! Aquele que nos trouxe até aqui. É esse o nome dele, não é? Ao telefone, ele disse Sam.

Fred – Sim, talvez.

Alex – De qualquer forma, certamente não é o seu nome verdadeiro.

Fred – Acha que ele é polícia?

Alex – Espero... Porque se não for um policia...

Fred – Quer dizer... que nos podíamos ter sido raptados?

Alex – Não sei.

Fred – Mas finalmente... Por que nos trouxeram?

Alex – Talvez seja um oficial de segurança interna, ou algo assim.

Fred – Vão acabar por nos dizer o que estamos a fazer aqui e o que se espera de nós.

Alex – Sim... Provavelmente...

Max regressa.

Fred – Então?

Max – Estamos presos.

Alex – O quê?

Max – Só há uma porta. Está trancada. E é uma porta blindada.

Alex – Portanto é oficial. Estamos a ser mantidos prisioneiros.

Todos digerem esta informação.

Fred – Talvez seja para nos proteger...

Max – Proteger-nos? De quê?

Fred – Não sei.

Sam regressa.

Sam – Ok, podemos começar...

Alex – Porque não diz primeiro porque estamos presos?

Sam – Vou contar-vos tudo, mas primeiro vou apresentar-me. O meu nome é Sam, e sou o conselheiro especial do Presidente...

Fred – O Presidente? Quer dizer... o presidente do Tribunal ?

Sam – Não... O Presidente. O Presidente da República.

Desânimo geral.

Max – O Presidente da República?

Sam – O seu conselheiro especial, sim. Bem, um deles. Como podem imaginar, tem vários.

Alex – Mas que raio se passa aqui?

Fred – É uma brincadeira.

Sam – Isto não é brincadeira. E se me deixar falar, explicarei tudo.

Max – Eu tentei sair e a porta estava fechada. Se começasse por nos explicar isso.

Alex – Estamos a ser mantidos prisioneiros aqui? Porque se for esse o caso, é totalmente ilegal, e exijo falar com um advogado.

Sam – Só estou a pedir alguns momentos de paciência. Temos um assunto importante para tratar. E entretanto, de facto, ninguém deve sair daqui.

Alex – E se eu quiser sair de qualquer maneira?

Ele dá um passo em frente.

Sam – Não o recomendo.

O tom que usa é inconfundível. Ele puxa convenientemente uma parte do casaco para lado, e descobrimos pela primeira vez que ele tem uma pistola no cinto.

Fred – Você está armado?

Alex – E está a ameaçar-nos?

Sam – Tenho uma arma, sim. Mas é principalmente para vossa protecção.

Max – Isso mesmo... Para nos proteger de nós mesmos... Conhecemos essa história...

O telemóvel do Sam toca outra vez.

Sam – Peço desculpa... *(Ao telefone)* Não, não, está tudo bem... Tenho a situação bem controlada, garanto-lhe... Sim, claro... Claro...

Sai.

Alex – Tenho a certeza que estamos a ser filmados.

Fred – Quer dizer... Que seria para um filme? Uma câmara escondida, um programa como aquele da televisão?

Alex – Filmado! Câmaras de vigilância! Você viu bem. Fingi que queria sair à força, e imediatamente lhe ofereceram reforço.

Silêncio.

Fred – O conselheiro do Presidente da República...

Max – Isto é um pesadelo e o melhor seria acordar.

Alex – Se isso for verdade, significa que é uma questão de Estado e que estamos nas mãos de uma polícia paralela, que pode estar a agir fora de qualquer enquadramento legal.

Max – Mas o que temos a ver com isso? Não somos terroristas! Bem, eu não pelo menos...

Fred – Isto é um pesadelo e nós vamos acordar.

Alex – Note que há pesadelos que são melhores não acordar.

Max – O que quer dizer?

Alex – O que sonha um recluso no corredor da morte no dia anterior à sua execução? E mesmo que tenha um pesadelo, não prefere continuar a dormir? Em vez de acordar na cela e ouvir o carrasco afiar a lâmina da guilhotina na sala ao lado.

Fred – Obrigado por nos animar...

Alex – Desculpe, não sou um otimista por natureza.

Max – Sim, já reparámos.

Alex – Mas não acha que o mundo em que vivemos já é um pesadelo?

Fred – Está a exagerar um pouco, não lhe parece...?

Alex – Diz isso porque você, tal como eu, é uma das pessoas relativamente privilegiadas. Se vivesse no Iraque ou na Faixa de Gaza?

Fred – Não é divertido para todos, isso é certo.

Alex – Mesmo no nosso país, é melhor viver em no palácio de Belém do que no bairro da Cova da Moura, certo?

Max – E mesmo quando não se vive na Cova da Moura... Com tudo o que está a acontecer agora. Não é como dantes, com certeza...

Alex – Já nem nos apercebemos disso, porque aconteceu gradualmente. Mas se olharmos para há dez anos atrás...

Max – Cuidado, isso não está errado... Com todos estes estrangeiros que damos as boas-vindas a Portugal. Refugiados políticos, refugiados económicos, refugiados climáticos... E depois ficamos surpresos ao ver novas doenças chegarem a casa...

Alex – Não estava a falar deste tipo de doenças... Refiro-me a esta ditadura arrepiante que nos está a ser imposta gradualmente. Daqui a dez ou vinte anos, a nova geração nunca terá sabido de mais nada, e somos nós que seremos tomados como tolos.

Fred – Desculpe-me por lhe fazer esta pergunta, mas... Alguém aqui tem algo com que se censurar?

Alex – Então é isto... Desta vez estamos lá...

Fred – Estamos aqui retidos contra a nossa vontade. Então tudo parece uma prisão. Deve haver uma razão.

Max – E você, claro, não tem do que se censurar.

Fred – Tirando uma multa por excesso de velocidade de há um ano ou dois anos atrás, não, não vejo. Pode ser um erro de justiça.

Max – Um erro de justiça. Quer dizer, no que lhe diz respeito, suponho. Mas pergunta-nos se temos alguma coisa para nos censurar.

Fred – Ou é um caso de terrorismo... Nestes casos, é muitas vezes bastante confuso, e por vezes as investigações estão no limite da legalidade.

Alex – Não, mas estamos a nadar no meio de Kafka, aqui! Somos presos sem qualquer motivo, e em breve cabe-nos a nós descobrir por nós mesmos do que somos culpados...

Fred – De qualquer forma, logo vamos descobrir...

Sam regressa.

Sam – Bem... Prefiro avisá-los, de que o que tenho para lhes dizer não é fácil de ouvir. Diria mesmo que é muito difícil de acreditar. Mas esta é a verdade.

Max – Já estamos aqui há algum tempo, e gostaríamos de ir para casa, por isso, se nos puder poupar as preliminares...

Sam – Compreendo a vossa impaciência, por isso não podia ser mais direto. O que tenho para lhes anunciar é... o fim do mundo.

Os outros três congelam. Escuro

ACTO 2

Consternação de Alex, Fred e Max, entre a incredulidade e a ansiedade. Sam continua impassível.

Max – O fim do mundo?

Alex – Precisamente, estávamos a falar sobre isso antes de você chegar... Porque também não vai acreditar, mas o mundo que adorávamos, não existe há muito tempo.

Max – Metade da população está desempregada, as pessoas estão dispostas a aceitar qualquer coisa para ganhar uma ninharia.

Alex – Morremos em hospitais porque supostamente não há camas suficientes, e em vez de construir novos hospitais, eles estão a aumentar o orçamento da polícia e do exército.

Fred – Sim, finalmente... Não é o fim do mundo, tudo isso. É para o nosso bem. E depois é provisório, não é?

Max – Um provisório que dura há mais de dez anos, como lhe chamam? Eu chamo-lhe definitivo.

Alex – O estado de emergência tornou-se a regra, o recolher obrigatório é permanente, todas as liberdades públicas foram gradualmente suspensas...

Fred – Mas diga-nos Sam... Éa isto que você chama de fim do mundo?

Sam – Não, querida senhora, infelizmente. Estou a falar da destruição total do nosso planeta.

Alex – Destruição total? Quer dizer... uma guerra nuclear?

Sam – Não, não é uma guerra nuclear.

Fred – E daí? Poluição, aquecimento global, subida das águas, esse tipo de coisas...

Max – Há anos que ouvimos falar disto. Isso não vai acontecer amanhã, pois não? Então foi para discutir isto que fomos trazidos para cá, com uma venda nos olhos?

Sam – Também não se trata de uma deterioração gradual das condições de vida no nosso planeta. Estou a falar do fim da vida na Terra, e disto num futuro muito próximo.

Silêncio.

Fred – Explique-se.

Sam – Como sabem, todos os anos o nosso planeta colide com milhares de corpos celestes de tamanhos muito diferentes. A maioria é pequena o suficiente para ser totalmente desintegrada quando entram na nossa atmosfera. Alguns, maiores em tamanho, causam pequenos danos. Finalmente, outros são suficientemente grandes para poderem causar um grande catástrofe.

Fred – Para isso, a Terra teria de ser atingida por um asteróide muito grande, certo?

Sam – Não necessariamente, infelizmente. A partir de algumas centenas de metros de diâmetro, o fim da vida na Terra já não é uma probabilidade, mas uma certeza.

Silêncio.

Alex – E daí?

Sam – Os cientistas detetaram há vários anos a existência de um asteróide muito grande a correr em direção à Terra. Eles refinaram os seus cálculos à medida que se aproximava de nós, e a colisão é certa.

Fred – Grande como?

Sam – Mil quilómetros de diâmetro.

Silêncio.

Max – E não há nada que possamos fazer para evitar isso? Não sei. Enviar uma bomba atómica a este asteróide para o fracturar...

Fred – Um raio laser para desviar ligeiramente a sua trajetória?

Sam – Em filmes de ficção científica, talvez... Ou com um objeto de tamanho muito mais modesto. Até um quilómetro de comprimento, possivelmente. Mesmo que nunca tenha sido tentado antes. Mas aqui estamos a falar de um objeto monstruoso, tão grande como a Espanha... Nenhuma tecnologia na Terra é capaz de desviar a trajetória de um asteróide deste tamanho no mínimo...

Silêncio.

Max – É uma piada...

Sam – Gostaria de poder dizer-lhe que sim, garanto-lhe. Também tenho uma família. Uma mulher. Crianças... Tenho medo de perdê-los. E como você, tenho medo de morrer.

Fred – Mas vá lá... Como é que nunca ouvimos falar disto até hoje? Informações deste tipo não podem ser mantidas em segredo. Os jornais teriam falado sobre isto...

Alex – Os jornais... Recordo-vos que há muito que desistimos da liberdade de imprensa. A censura prévia foi restabelecida. Temos mais uma vez um Ministério da Informação, como no tempo do Salazar!

Sam – Na verdade, dadas as trágicas consequências que esta colisão irá inevitavelmente implicar, os cientistas de todo o mundo têm sido convidados pelos seus governos a não divulgarem esta informação para evitar o pânico.

Fred – E todos concordaram em ficar calados?

Sam – Aqueles que não concordavam foram forçados a fazê-lo.

Max – Quer dizer que foram presos?

Alex – Ou executados...

Sam – A maioria entendeu por si só que é inútil entrar em pânico com a população, uma vez que não há saída de qualquer maneira.

Max – Parece que li algo sobre isto há anos.

Sam – Algumas informações têm vazado, de facto. Conseguimos apresentá-las como fake news. Especulações deste tipo aparecem regularmente quando a imprensa não tem mais nada para escrever. A probabilidade de impacto é geralmente muito baixa ou o prazo muito longe.

Fred – E qual é o prazo-limite?

Sam – Um mês.

Silêncio.

Fred – E você diz que não há dúvida sobre isso?

Sam – Nunca temos 100% de certeza, mas hoje a probabilidade é de 99,99%. É quase certo.

Silêncio.

Alex – E se não acreditarmos em si?

Sam – De que adianta mentir-lhes?

Alex – Vocês têm-nos mentido há muito tempo, não têm? Sobre esta pandemia que nos atingiu há anos. Vocês aproveitaram a oportunidade para estabelecer uma ditadura, que tem a vantagem de ser aclamada por metade da população.

Sam – Fomos eleitos democraticamente.

Alex – Sim, era o que eu estava a dizer... A democracia... As pessoas são ovelhas. Desde que lhes seja prometido que os cuidem, estão prontos para seguir qualquer pastor e obedecer aos seus cães. Enquanto a estrada seja segura e o caminho estiver protegida dos lobos, preferem esquecer que o destino final é o matadouro.

Silêncio.

Sam – Farei outra confissão para provar a minha sinceridade...

Max – Temo o pior.

Sam – Esta pandemia foi real em primeiro lugar. Mas é verdade que exageramos um pouco as consequências para justificar o estabelecimento gradual de um regime excepcional.

Fred – Mas porquê?

Sam – Os cientistas já nos tinham alertado para a iminência deste apocalipse. Esta era a forma de preparar gradualmente a população para medidas muito mais radicais. Não para afastar esta ameaça, uma vez que infelizmente é inevitável. Mas pelo menos para evitar o caos que teria precedido este fim do mundo se tivesse sido anunciado a todos.

Alex – Reconhece que fomos manipulados.

Sam – Sim, mas não pelas razões que pensou.

Max – E sempre para o nosso próprio bem, claro.

Silêncio.

Fred – Digamos que acreditamos em si. Porquê nos avisar agora?

Max – E porquê nós? Nós três. Por que nos escolheu?

Alex – Não somos cientistas! Não temos poder. Não podemos fazer milagres por si!

Sam – Já não estamos à procura de soluções, infelizmente. Porque não há nenhuma.

Max – Então, o que estamos a fazer aqui? Em vez de aproveitarmos o mês que nos resta para viver...

Sam – Se vos trouxemos para aqui, é para... *(O telemóvel dele toca.)* Com licença. *(Ele recebe a chamada.)* Sim, Sr. Presidente...

Sai. Os outros permanecem em silêncio por um momento.

Max – Acreditam em tudo isto?

Alex – Já não sei... E você?

Fred – Por que nos contariam tal história se não fosse verdade?

Max – Ou é um jogo...

Fred – Um jogo?

Max – Parece um jogo de fuga, não é?

Fred – Um quê?

Alex – Um jogo de fuga! Trancamos várias pessoas na mesma sala, e o jogo é encontrar a solução certa para sairmos juntos.

Max – Excepto que, o lugar onde estamos presos é a Terra, e aparentemente, não há saída.

Alex – Se já nos tivessem deixado sair daqui...

Silêncio. Fred termina a lata e não sabe o que fazer com ela.

Fred – Não viram uma caixote de lixo amarela...

Max – Por que é que temos de reciclar latas se vamos morrer todos num mês.

Fred – Sim, de facto...

Max – Há anos que andamos a separar os nossos resíduos para salvar o planeta, e agora dizem-nos que o fim do mundo está a um mês de distância! Valeu a pena...

Fred – Acha mesmo que essa é a questão?

Max – Sim, é verdade, desculpa, você é uma rapariga inteligente. Você é professora. Então, qual acha que é a pergunta?

Alex – Adoraria saber, exatamente. Por que aparentemente, temos de responder.

Sam regressa.

Sam – Desculpem-me... Onde estávamos?

Max – O que estamos a fazer aqui? Era onde estávamos!

Fred – O que quer de nós exactamente? Se pudermos ser úteis, estamos mais do que dispostos a cooperar.

Max – Não temos nada contra a polícia, garanto-lhe...

Alex – Fale por si mesmo...

Sam – Escutem... Estamos todos juntos nisto. Este barco não é chamado de Titanic, mas de Terra. Sabemos que vai colidir com um enorme bloco de gelo num mês, não há como evitá-lo, não há salva-vidas, nenhum barco por perto para vir nos salvar, e assim não haverá sobreviventes.

Alex – E porquê revelar a nós três este chamado segredo de Estado, que o têm escondido do mundo há pelo menos dez anos?

Max – Não lhe pedimos nada.

Alex – Tem-nos mentido sobre tudo durante anos, também podia ter escondido isso de nós.

Fred – Agora é a hora de nos dizer por que estamos aqui.

Sam – Está aqui para nos dar a sua opinião. A sua opinião sobre a melhor maneira de gerir isto neste mês antes do fim do mundo.

Alex – Isto é demais. Por mais de uma década, temos vindo a decidir tudo por nós. E agora que vamos todos morrer, somos nós que vamos gerir o fim da vida da Humanidade? Imagino que o funeral será às nossas custas também?

Alex – Mas quanto tempo vamos ficar presos aqui?

Fred – Se vamos morrer, pelo menos queremos ver as pessoas que amamos de novo, e passar o tempo que nos resta para viver com elas.

Max – Não nos vai manter na prisão até ao fim do mundo!

Sam – Fiquem descansados, não ficarão retidos por muito tempo. Dadas as circunstâncias, o tempo está a esgotar-se. Têm uma hora para decidir.

Alex – Decidir... Então decidimos agora?

Sam – Digamos que... a vossa opinião será tida em conta, e será decisiva.

Max – Mas decidir o quê, exatamente?

Sam – Decidir se deve ou não informar a população deste fim iminente do mundo.

Alex – E nós decidimos por todos?

Sam – Foram escolhidos ao acaso. Vão representar... a voz do povo Português.

Fred – A voz do povo? Só nós os três?

Sam – Serão os únicos a falar, mas um painel maior de cidadãos ouvirá os seus argumentos e será chamado a votar.

Max – E onde está esse painel de cidadãos?

Sam aponta para o público.

Sam – Na sua frente.

Estupefação geral.

Fred – Não...?

Alex – Então eles também estão ali contra a sua vontade...

Sam – Foram trazidos para cá sob o pretexto de assistirem a um espetáculo. Eles também não poderão sair desta sala até chegarmos a uma decisão.

Fred – E como nós, estão isolados do mundo.

Sam – Por uma hora, pelo menos. As portas da sala estão fechadas, e foi-lhes pedido que desligassem os telemóveis. Estamos todos juntos para decidir o que fazer com o tempo que nos resta até ao fim do mundo.

Pausa.

Fred – É uma enorme responsabilidade...

Sam – Sim na verdade.

Alex – E é Portugal que decidirá sozinho pelo mundo inteiro?

Sam – Encontros como estes serão realizados em todo o mundo. Os resultados serão centralizados e o parecer da maioria será tomado em consideração.

Alex – E você?

Sam – Eu?

Alex – Vai participar no debate?

Sam – Só estou aqui para obter a vossa opinião.

Silêncio.

Fred – Bem... E pode nos perguntar de novo?

Alex – Vamos acabar com isto...

Sam – A questão que se coloca é: devemos alertar a população, correndo o risco de causar pânico, ou deixá-la na ignorância, para não os preocupar desnecessariamente? É esse o ponto que tem de ser decidido. Estamos aqui para ouvir o ponto de vista e os argumentos de todos.

Silêncio.

Alex – Sou a favor da transparência. Em todas as circunstâncias. E quaisquer que sejam as consequências. As pessoas têm o direito de saber.

Max – Se só nos restar um mês para viver tanto, gaste-o nas férias, e não no trabalho.

Alex – Um mês. Só temos de considerar isto como o saldo final da nossa última licença remunerada...

Fred parece perdido no pensamento. O Sam fala com ele.

Sam – E você, o que acha?

Fred – Custa-me pensar... Tenho medo, é tudo... Permite-me que tome um comprimido?

Tira um comprimido da mala e engole-o.

Sam – Quer um copo de água?

Escuro

ACTO 3

Fred vai recuperando a coragem. Alex e Max esforçam-se para mostrar uma cara corajosa. O Sam continua inabalável.

Sam – É natural estar assustada, querida senhora. Eu também tenho medo. Todos temos medo. Todos nós que sabemos, de alguma forma. Mas estamos aqui para tomar uma decisão, e precisamos ouvir o que tem a dizer.

Uma pausa, durante a qual Fred tenta pôr os seus pensamentos em ordem.

Fred – Não diga nada... É um pouco como esconder de alguém que vai morrer para poupá-lo. Eu, se sofresse de uma doença incurável, e tivesse apenas um mês de vida, parece-me que preferia saber. Para poder aproveitar ao máximo os meus últimos momentos, fazer um balanço, pôr os meus assuntos em ordem, em suma, concentrar-me no essencial...

Sam – Claro, é isso que vem à mente primeiro. E esse argumento é perfeitamente admissível...

Alex – Parece-me que há um mas...

Sam – Mas por outro lado, você disse-o: que está com medo... A perspectiva de uma morte certa, numa data anunciada, aterroriza-a. Talvez preferisse não saber...

Fred – Talvez...

Sam – E depois... para usar a sua comparação, a pessoa que tem cancro e só tem algumas semanas de vida, é apenas um caso individual. Não importa como esta pessoa reage ao anúncio desta morte programada, não é provável que perturbe a ordem do mundo. Mas aqui estamos a falar de toda a população da Terra...

Alex – Disse-nos que só está aqui para obter a nossa opinião, e já está a tentar influenciar-nos.

Sam – Eu não vou participar na votação. O meu papel é liderar o debate, para que todos os aspetos do problema sejam levantados e a decisão seja tomada com pleno conhecimento dos factos.

Fred – Estamos a ouvi-lo.

Sam – Vamos pensar por um momento. Mesmo que uma pessoa isolada, sabendo que estava condenado a curto prazo e, portanto, não tendo mais nada a perder, decidisse matar o seu chefe, violar o seu vizinho ou atacar um banco, acabaria por ser apenas uma notícia.

Max – E daí?

Sam – Projecte isto à escala de toda a população do planeta. Já ninguém tem medo de ir para a cadeia. A única coisa de que temos medo é de morrer, e não podemos evitar isso. Vai ser um caos...

Silêncio.

Fred – É um risco, de facto... Sabendo que se podes fazer qualquer coisa impunemente, já que de qualquer forma vais morrer num mês...

Max – Está claro. Vai ser uma anarquia completa.

Alex – Ao mesmo tempo, nunca vimos um paciente que acaba de ser informado de que está condenado a curto prazo a ir correr à casa do vizinho com quem está numa disputa para lhe enfiar um picador de gelo nas costas.

Max – Porque um paciente no fim da vida é demasiado fraco para isso, talvez. Mas para toda uma população saudável...

Sam – O senhor tem razão, infelizmente. Todos os alicerces da ordem social entrarão em colapso de uma só vez. A polícia, a judiciária... Teme-se que não sejam respeitadas mais leis.

Fred – Restará haver moralidade. Religião, para alguns.

Sam – Acredita sinceramente que os bons sentimentos serão suficientes para fazer cumprir a Lei, quando o medo da policia desaparecer perante a certeza de uma morte coletiva iminente?

Alex – Mesmo quando temos a certeza de morrer, há sempre um fundo da humanidade dentro de nós. Mais do que morrer, temos medo de perder a alma.

Max – Nem todos acreditam em Deus. Você acredita?

Alex – Não. Mas o que todos tememos não é Deus, é o Diabo. E temos tanto medo de arder no inferno como de estarmos entre aqueles que avivam as chamas. A maioria de nós não quer fazer parte nem do campo das vítimas nem do campo dos carrascos.

Sam – Nem sempre temos a opção de não escolher... Nos campos da morte, alguns prisioneiros foram oferecidos para trabalhar para os carrascos. A maioria concordou. Para salvar a pele e sobreviver mais algumas semanas. Com a esperança de finalmente sair dele vivo...

Alex – Alguns saíram disto, deixando atrás as suas almas... Imagine a vida daqueles que sobreviveram a este preço?

Max – De qualquer forma, aqui dizem-nos que não temos hipótese de sair disto com vida.

Fred – Enquanto houver vida, há esperança. Um condenado no corredor da morte, até ao último momento, espera pelo perdão presidencial, mesmo que tenha a certeza de que não virá.

Max – Podemos sempre esperar por um milagre, isso é certo...

Fred – Não se pode viver sem esperança, mesmo quando o pior é quase certo. Quando já não se tem esperança, já estaremos morto. Vou manter um pouco de esperança, até ao último momento...

Silêncio.

Max – Sim... Finalmente, é verdade que eu... Se só me restasse um mês de vida e tivesse a certeza de que não seria responsável depois, há uma ou duas pessoas que eu mataria ... Começando pelo meu cunhado.

Fred – Pensei que não era casado...

Max – O meu cunhado! O marido da minha irmã!

Fred – Não fique chateado... Eu só estava apenas a dizer isso.

Alex – Que sentido teria matar um tipo que vai morrer num mês ?

Max – Poderia ser por diversão, então...

Sam – Aqui tem... A palavra certa... Por diversão...

Fred – Eros e Thanatos...

Sam – Todos os psicanalistas dirão que o medo da morte e o desejo sexual estão intimamente ligados.

Max – Eu estava a falar do meu cunhado. Nunca disse que queria dormir com ele!

Alex – Eros e Thanatos... Está a delirar... Em breve, estará a dizer-nos que o fim do mundo será pontuado por um gigantesco orgasmo coletivo.

Sam – Estava a pensar mais numa explosão de violência contra os mais fracos. Mulheres, crianças... A perspectiva de uma morte certa é susceptível de desencadear os piores instintos do homem.

Alex – Isso são apenas fantasias... Os seus vizinhos, conhecem-no. Acha mesmo que se soubessem que iam morrer num mês, iam a correr para a sua casa amanhã para o violar e matar?

Fred – Não sei... Os meus vizinhos certamente não.

Max – Mas os vizinhos dos seus vizinhos?

Fred – Estou a ver... E os vizinhos dos vizinhos dos vizinhos... Aqueles que vivem do outro lado da estrada, ou do outro lado da fronteira... Os suburbanos, os estrangeiros...

Max – Os suburbanos, os estrangeiros... É tudo o mesmo...

Alex – Estou a ver...

Max – E até mesmo o seu vizinho... Todas as coisas que ele faz quando você vira as costas... Como colocar o lixo dele no seu caixote do lixo em frente a sua casa para que não se dê ao trabalho de limpar o seu próprio caixote... Ou quando ele o espreita discretamente da janela quando está no duche e se esqueceu de puxar as cortinas.

Alex – Está a falar por experiência própria, parece...

Max – Vá-se foder.

Fred – Vamos lá ser civilizados.

Sam – E vamos voltar á pergunta que temos em mãos. Não podemos saber, claro. Mas a ordem social assenta sobretudo na ameaça do castigo: a pena de prisão ou simplesmente a vergonha de ver comportamentos desviantes condenados por familiares, vizinhos e pela sociedade como um todo. Levante esta barreira e logo podemos temer o pior.

Fred – Tem razão. Vai ser a lei da selva, isto é, a lei dos mais fortes. E serão os mais fracos as vítimas.

Alex – Ainda terás o exército, certo?

Sam – Os militares também são homens. Obedecem às ordens apenas por obrigação e para receber o seu salário. No melhor dos casos por dever e para proteger a sociedade. Se essa sociedade está condenada a curto prazo, você acredita mesmo que eles estarão sempre dispostos a sacrificar as suas vidas para manter a ordem?

Max – Então na sua opinião, é melhor esconder a verdade?

Sam – Não sei... A verdadeira questão é se dizer a verdade fará deste último mês na história da humanidade um verdadeiro inferno vivo...

Alex – Mas não somos crianças! As pessoas têm o direito de saber! Para preservar a ordem a todo o custo, até ao último momento, devemos manter a Humanidade na ignorância do seu desaparecimento?

Sam – Não se trata apenas de policiar, tens razão. É também uma questão de ética. É por isso que é importante discuti-lo.

Alex – Proteger a população do medo do apocalipse, e do caos que a pode preceder... Muito bem. Mas de qualquer forma, se todos vão morrer, o que muda no final? Eu prefiro saber...

Max – A propósito, imagino que a partir de certo ponto será impossível esconder a verdade, certo? Quando este asteróide se aproximar da Terra...

Sam – Esta bomba-relógio está a aproximar-se de nós a uma velocidade vertiginosa, e mesmo que o seu tamanho seja suficiente grande para nos destruir, não tem o tamanho de um planeta. De acordo com os cientistas, 24 horas antes do impacto, nada será ainda visível a olho nu.

Alex – Sob o pretexto de nos proteger contra o terrorismo e as epidemias de todos os tipos, já nos impôs uma militarização da sociedade, que se baseia numa infantilização da população. Porque as pessoas têm medo de tudo, estão dispostas a aceitar qualquer coisa. Começou por lhes pôr uma mordaça na boca, agora finge pôr-lhes uma venda nos olhos, para evitar que vejam a morte na cara?

Sam – Eu também não sei ao certo. Estamos aqui para discutir isto. E tomar uma decisão... O que os outros pensam?

Max – Não sei...

Fred – Já não sei mais. Não somos crianças, de acordo. Mas precisamente. Para as crianças, o que lhes vamos dizer?

Max – Ainda bem que também levanta esta questão. Podemos esconder isto das crianças quando os pais souberem a verdade?

Fred – E a partir de que idade é que devemos dizer-lhes?

Sam – Agora entende que não é assim tão simples...

Alex – Claro, mas esconder a verdade também é a escolha de uma elite não é?

Max – Explique-se.

Alex – Além de nós e das pessoas que estão nesta sala, se finalmente decidirmos esconder a verdade de toda a população, apenas poucos privilegiados saberão. O Povo será mantido na ignorância. E continuará a levar a sua pequena vida como se nada tivesse acontecido, enquanto esta elite se prepara para a grande noite, divertindo-se ou rezando ao bom Deus de acordo com as suas preferências.

Sam – É discutível, sim.

Alex – Então assume que o Povo mergulharia o mundo no caos se fosse sensibilizado, enquanto a elite permaneceria calma e silenciosamente desfrutar dos seus últimos momentos. Porquê? Porque supõe que esta elite é mais responsável?

Sam – Isso eu não sei...

Alex – Porque a elite já tem tudo, é por isso. E que, portanto, tem tudo a perder se o caos resultar do anúncio deste fim iminente do mundo. O Povo não tem nada. Então não tem nada a perder. O que teme exatamente? Que os comboios já não vão chegar a tempo? Que os trabalhadores parem de ir à fábrica? Que as lojas sejam saqueadas? Que haja uma queda na bolsa de valores? É essa a sua principal preocupação? Que tudo se mantenha no lugar até à explosão final?

Silêncio.

Sam – Estou a ouvir todos os seus argumentos, e todos são respeitáveis. Mas temos que tomar uma decisão. Então vocês os três, pessoalmente, se tivessem tido escolha, teriam preferido saber ou não saber?

Fred – Gostaria de poder responder-lhe, mas francamente... Não sei.

Max – De qualquer forma, para nós é muito tarde. Não nos deixou escolha.

Fred – Eu, finalmente... Acho que preferia não saber.

Alex – A não ser que seja tudo tretas de novo. Para nos pôr em fila indiana como sempre.

Sam – Daqui a um mês, saberá se lhe mentiram ou não. Entretanto, já que está aqui, se puder tranquilizá-lo, considere um exercício escolar. Basicamente, não muda nada no nosso debate.

Fred – Penso que sim. A resposta que cada um de nós daria à sua pergunta não seria a mesma se fosse puramente teórica.

Alex – Você acha que sim?

Fred – Se a questão é apenas teórica, tendemos a raciocinar, como você, de um mundo ideal, no qual a maioria das pessoas continuará a comportar-se como bons cidadãos até ao fim. Mas se tudo isto se tornasse realidade... Está realmente disposto a apostar na bondade da natureza humana? E sobre a suposta benevolência desta abstração a que chama Povo?

Max – Tem razão. Acredita sinceramente que as pessoas comuns, como diz, são fundamentalmente melhores do que os privilegiados que nos exploram e os bastardos que nos governam?

Alex – Não sei...

Fred – Todos os homens são iguais, especialmente no seu pior. Alguns têm a sorte de ter nascido do lado direito da estrada, só isso. Mas os outros só sonham em tomar o seu lugar. Nada de acabar com as periferias.

Silêncio.

Fred – É curioso, a propósito. Todos sabemos que vamos morrer um dia. Mais cedo ou mais tarde. Seja daqui a 20 anos ou num mês. Mas em geral, desde que não saibas a data de vencimento, geres a tua vida como se fosses imortal. Em todo o caso, não vivemos com este sentimento de urgência.

Alex – Isto é o que permite que os nossos governantes nos façam engolir tantas coisas. Se as pessoas vivessem como se fossem morrer em poucas semanas, não aceitariam tudo o que lhes é colocado.

Fred – Além disso, tudo é feito para esconder a morte, na nossa sociedade, para torná-la o mais abstrata possível. Vamos todos morrer, a maioria sem nunca ter visto um cadáver nas nossas vidas. A morte não é apenas um tabu, é um segredo de Estado.

Max – E quando ameaçados de morte, é apenas para controlar as nossas vidas. Como se a morte, no final, pudéssemos realmente evitá-la!

Sam – Tudo isso é passado. É melhor não entrar muito num debate puramente filosófico. Estamos aqui para tomar uma decisão. É sim, ou não. Não há intermediários.

Max – Não estávamos preparados para tomar este tipo de decisões. Não somos especialistas.

Sam – Ninguém está treinado para enfrentar uma situação destas, que nunca surgiu, e não voltará a ficar de pé. Já que daqui a um mês, estaremos todos mortos...

Pausa.

Fred – Que horror... E quando penso que deixei o meu gato sozinho em casa. Pelo menos, não suspeita de nada.

Max – Não tenho a certeza... Diz-se que os animais têm um sexto sentido para prever este tipo de desastres...

Fred – Tem razão... Durante o último tsunami, por exemplo, parece que...

Sam – O tempo está a esgotar-se... Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar?

Fred – Não.

Max – Eu também não.

Alex – Eu disse o que tinha a dizer.

Sam – Tudo bem, então vamos à votação, com um levantamento de mãos.

Alex – E você?

Sam – Não vou votar. São três, haverá necessariamente uma maioria. A abstenção não é aceite.

Max – Ok, então vamos acabar com isto.

Sam – Uma última coisa. Se for o sigilo que ganhar, todos terão de o cumprir. Não poderão dizer nada a ninguém, nem aos vossos entes queridos. Qualquer que seja a vossa escolha pessoal.

Alex – E se falarmos de qualquer maneira?

Sam – Isto não é brincadeira, querida senhora, e vou ser muito clara consigo. Neste caso, sabemos onde encontrá-lo para silenciá-lo permanentemente.

Alex – Esta é a sua concepção de liberdade de expressão e democracia...

Sam – Já não é altura de discutir isso, vamos proceder à votação. Quem é a favor da verdade?

A hesitação. Alex levanta a mão.

Sam – Um voto. Quem é a favor do segredo?

Alex – Chamar-lhe-ia mentira. O Estado mente.

Fred e Max levantam as mãos.

Sam – O segredo é aprovado, por dois votos a favor contra um.

Alex – Podemos ir agora?

Sam – Ainda não, ainda não acabou. Temos de fazer com que o público vote também. Eles ouviram os vossos argumentos. Cabe-lhe a eles falar agora.

Alex – O público?

Sam – O público, sim. Refiro-me ao painel. Então... Senhores e senhoras... Aqueles que são pela verdade a todo o custo levantem as mãos?

Parte do público levanta a mão.

Sam – Quem é pelo segredo?

Parte do público levanta a mão.

Sam – Uma maioria para a verdade (*ou para o sigilo, conforme o caso*).

Alex – Já acabou? Estamos livres? Se me atrevo a usar esta palavra de novo...

Sam – Vimos buscá-los dentro de momentos para levá-los para casa.

Max – Quanto mais cedo melhor...

O telemóvel do Sam toca.

Sam – Desculpem-me.

Sai para atender a chamada.

Fred – É assim tão simples como isto?

Max – Sim...

Fred – Todos sabíamos que teríamos de morrer um dia, mas não fazíamos ideia de que seria tudo ao mesmo tempo.

Alex – E que nos seria dada a data exata algumas semanas antes.

Max – Um mês antes de pedir falência.

Fred – A partir de hoje, cada dia que passa representará um ano das nossas vidas.

Pausa.

Max – Como calculou isso, exatamente?

Alex – Não importa... O que ela quer dizer é que agora cada minuto conta.

Max – Sim... Onde gostaria de passar o seu último dia? Na cama em boa companhia? Na praia? Numa igreja?

Alex – Finalmente, quer seja o último dia ou não... É uma pergunta que devemos fazer a nós mesmos todos os dias, certo? O que fazer com a sua vida levantando-se todas as manhãs...

Max – A maioria das pessoas, quando se levantam de manhã, perguntam-se principalmente como vão pagar o crédito da sua casa até se reformarem. Esperando que tenham uma reforma. Porque eu...

Sam regressa.

Sam – Desculpem, há uma contra-ordem.

Max – Uma contra-ordem?

Sam – O Presidente acha que é demasiado perigoso deixá-los ir antes que a decisão seja tomada a nível global.

Alex – Perigoso? E porquê?

Sam – Temos medo que haja uma fuga de informação e que o rumor se espalhe completamente sem controlo.

Max – Se for realmente o fim do mundo, mais cedo ou mais tarde, as pessoas vão eventualmente notar, certo?

Sam – Mesmo que no final do dia decidamos informar a população, é importante prepará-los psicologicamente para o anúncio desta catástrofe.

Alex – Como se pode preparar psicologicamente para o fim do mundo? Adorava ver isso...

Fred – Estamos condenados a ficar aqui até ao final da consulta?

Max – E quanto tempo vai demorar, toda esta merda?

Sam – Cerca de uma semana.

Max – Uma semana!

Fred – Não é possível...

Sam – Desculpem, mas recebi instruções.

Alex dá um passo em frente.

Alex – E se quisermos ir embora de qualquer maneira...?

O Sam saca da arma e aponta-a para ela.

Sam – Fique onde está.

Alex – Não vai disparar.

Sam – Certo, no mundo anterior, provavelmente não teria atirado. Mas asseguro-lhe que agora sou capaz disso.

Max – O que vai fazer? Matar-nos a todos? (*Indicando o público*) E a eles também?

Sam – Estou à espera de instruções... Por enquanto, vão ficar aqui sabiamente. Tentem relaxar um pouco. Há também aperitivos e amendoins no frigorífico... Vamos servir-lhes uma refeição agora mesmo...

Sai.

Alex – Já disse que não podemos confiar neles.

Fred – Ao mesmo tempo, não se trata apenas de nós.

Max – Então, defende-os?

Fred – Não, mas sou forçado a concordar com ele. É necessário proteger-se de qualquer pressa, para evitar excessos.

Alex – Os excessos? Estamos a falar de um asteróide que vai cair na Terra libertando uma energia de vários milhões de vezes a bomba de Hiroshima. E tu, só tem medo que haja alguns excessos?

Fred – Finge não entender. Quer mesmo que este último mês na Terra seja um inferno? Especialmente para os mais fracos. Crianças, em particular...

Alex é visivelmente sensível a estes argumentos.

Alex – Tudo bem. E o que oferece? Deixámo-nos abater um após o outro, como ovelhas no matadouro?

Fred – Não sei.

Max – Desde que seja ele que tenha a arma, não resta outra...

Alex – Então o que fazemos?

Pausa.

Max – E se começássemos com um aperitivo?

Sam regressa.

Sam – Há algo novo.

Alex – O que mais?

Sam – Aviso-os, também não vai ser fácil de acreditar. Mesmo para mim, é muito difícil de engolir.

Max – Ande, diga...

Sam – Acabamos de receber um sinal alienígena...

Estupefação geral.

Escuro

ACTO 4

Alex, Fred e Max tentam recuperar perante o Sam, que continua impassível.

Alex – Um sinal alienígena? É uma piada?

Sam – Eu sei, é incrível. Mas há já algum tempo que não me surpreendo com nada.

Alex – Sem brincadeira...

Sam – Sabemos que o fim da vida na Terra é uma probabilidade, para não dizer uma certeza, da qual só não sabemos a data. E, no entanto, é considerada ficção científica.

Fred – Também sabemos que é extremamente improvável que sejamos os únicos representantes da vida no universo, e no entanto os extraterrestres também são considerados ficção científica.

Max – E como é que o contactaram? Mandaram-lhe um pombo-correio?

S a m – Como sabem, um instituto americano, o SETI, tem-se dedicado exclusivamente desde os anos sessenta a ouvir possíveis comunicações do espaço.

Fred – Prova de que não é uma hipótese tão rebuscada como esta...

Sam – Foram eles que captaram a mensagem.

Alex – Eles estão a ouvir o céu há mais de meio século. Nunca ouvimos nada, e de repente, um mês antes do fim do mundo...

Sam – Exatamente... Perante a iminência do desastre, decidiram entrar em contacto connosco.

Max – Para quê? Para dizer adeus?

Sam – Propõem salvar alguns de nós. Para que a espécie humana possa continuar a existir, mesmo que não seja na Terra que a viu nascer.

Alex – Salvar a espécie humana? Acabou de nos perguntar se vale a pena...

Fred – E como planeiam resgatar estes poucos privilegiados?

Sam – Oferecem-se para os ir buscar, com uma nave espacial.

Alex – Ah? Vamos lá ver! Uma Arca de Noé do espaço agora... Já ouvimos de tudo...

Sam – Só poderão levar alguns milhares de adolescentes com eles.

Alex – Adolescentes...

Sam – Os indivíduos mais velhos não seriam capazes de procriar para perpetuar a espécie, e as crianças demasiado pequenas teriam dificuldade em suportar tal viagem. Os jovens adultos adaptar-se-ão mais facilmente ao seu novo ambiente de vida.

Fred – Outro planeta, então.

Max – Sim, se a Terra for destruída...

Max – Muito bom. E o que temos nós a ver com isso? Infelizmente, já não somos adolescentes há muito tempo.

Sam – Agora temos de escolher que escola secundária será salva.

Fred – Uma escola secundária?

Max – Por que uma escola?

Sam – Estes alunos do ensino secundário já estarão agrupados num só local. Será mais fácil recolhê-los.

Alex – Tanto melhor para quem for escolhido. Mas que temos nós a ver com isso?

Sam – Temos a responsabilidade de designar a escola secundária que será salva... No que diz respeito a Portugal, em todo o caso.

Fred – Portugal?

Sam – Será designada uma escola para cada país. Ter uma diversidade de população suficiente, suponho.

Alex – Só temos de escolher ao acaso.

Sam – É uma possibilidade, sim.

Fred – Por quê? Há outra?

Sam – Poderíamos escolher a melhor escola secundária de Portugal.

Fred – A melhor ?

Sam – Aquela com melhores resultados no 12º ano, por exemplo.

Alex – Hum estou a ver... Uma daquelas escolas católicas privadas para onde os seus filhos vão, acho eu.

Sam – E o seus, para onde vão?

Alex – Não tenho filhos, e você sabe isso muito bem. Nenhum de nós aqui tem filhos. Foi por isso que nos escolheu?

Sam – Não só...

Pausa.

Fred – Excelência ou acaso?

Sam – É isso. Teremos que fazer uma escolha de novo.

Fred – Não é humano perguntar-nos isso... Como elegemos entre todos estes jovens os poucos privilegiados que serão salvos?

Sam – Mas têm de decidir. Caso contrário, toda a Humanidade será extinta.

Alex – Pela minha parte, eu seria bastante a favor desta opção.

Sam – Não temos tempo a perder. Querem o nome desta escola antes de amanhã. Depois disso, provavelmente será tarde demais...

Alex – **Alex** – Sabemos o que significa excelência. Está relacionada com a seleção social. Por sorte, as melhores escolas estão localizadas em bairros exclusivos.

Fred – Por outro lado, se a Humanidade quiser sobreviver, não deve ser com jovens que têm apenas 200 palavras de vocabulário, que escrevem em fonética, e que nunca escreveram um texto maior do que um SMS.

Alex – É você que está a dizer isso? Mesmo sendo uma professora? Bravo...

Fred – Tem razão, é horrível... *(Pausa)* Mas há que ser realista...

Sam – Já não temos tempo para debater isso, infelizmente. Vamos diretamente para a votação... Quem é a favor da excelência?

Fred hesita, e depois levanta a mão.

Sam – Quem é pelo acaso?

Alex e Max levantem as mãos.

Sam – Vamos ver o que o público pensa. Os defensores da excelência, primeiro. Aqueles que estão para salvar a melhor escola de Portugal, levantem a mão. Defensores do acaso agora. Quem é a favor de tirar à sorte que escola que será salva? Muito bem. A excelência vence *(Ou então o acaso)*. Obrigado pela vossa contribuição... *(O telemóvel toca, e ele responde enquanto se afasta dos bastidores)* Sim... Estou a ouvir...

Sai. Silêncio.

Alex – Desta vez, estamos todos de acordo que é uma farsa, certo?

Os outros dois parecem estar perplexos.

Max *(para o público)* – O que você acha? É verdade ou não?

Possível pequena improvisação para responder a um ou mais espectadores.

Fred – Já não sei no que acreditar...

Max – Afinal de contas, isto é possível, não é?

Fred – Como ele disse, há muitas coisas que você tende a pensar como ficção científica até que isso realmente aconteça.

Max – Como esta pandemia global, por exemplo. E as suas consequências... Se tivessem dito isto antes de acontecer, teríamos acreditado?

Alex – Provavelmente não...

Fred – Não sei porquê, mas tenho a sensação que é verdade.

Alex – Estas pessoas têm-nos mentido durante dez anos! Na verdade, sempre nos mentiram.

Fred – É tão grande... que pode ser verdade.

Max – Qual é o risco de jogar o jogo?

Alex – Ah então concorda, é um jogo.

Fred – A pergunta será... Temos a opção de não jogar? Você viu? Estão prontos para nos matar...

Sam regressa.

Sam – A situação mudou...

Alex – Dada a situação inicial, só pode ser para melhor, acho eu.

Sam – Efectivamente, mesmo que ainda não tenhamos a certeza de nada.

Fred – E daí?

Sam – Contra todas as probabilidades, o perigo diminuiu ligeiramente.

Max – O senhor anunciou-nos o fim do mundo como uma certeza absoluta. Como pode o perigo ter diminuído?

Sam – O asteróide que nos ameaça colidiu com outro objeto celeste. Partiu-se em vários pedaços. Mas um enorme fragmento ainda se dirige para o nosso planeta...

Fred – Que tamanho?

Sam – Cerca de uma centena de metros.

Max – Assim é melhor, não é?

Sam – Sim, mas ainda é o suficiente para acabar com toda a vida na Terra. A menos que este fragmento em si se desfaça em vários pedaços. Mas mais importante...

Fred – O quê?

Sam – A explosão aumentou significativamente a velocidade a que estes detritos se movem. Está vir na nossa direcção à velocidade da luz ou quase.

Max – Quanto tempo temos antes da colisão?

Sam – De acordo com os novos cálculos... cerca de uma semana.

Alex – E chama-lhe a isso uma melhoria...

Sam – É o hemisfério sul que vai ser atingido com força. Mas as consequências para o resto do mundo serão terríveis. Terramotos, tsunamis gigantes...

Max – Mas se bem entendi, no que diz respeito ao fim do mundo, já não é uma certeza? Ainda temos hipótese de nos safarmos?

Sam – Parte da população poderia sobreviver escondendo-se em abrigos ou no topo de montanhas.

Alex – Então só temos uma semana para nos organizarmos. E se não avisarmos ninguém, a desgraça será muito mais pesada.

Fred – O que espera de nós?

Sam – Temos de reconsiderar a nossa decisão à luz destes novos elementos...

Fred – Já não sei o que pensar...

Sam – Se divulgarmos esta informação imediatamente, vai causar pânico. Toda a população do hemisfério sul correrá para o hemisfério norte. E no nosso hemisfério, vai ser a corrida para as montanhas.

Alex – Imagino que pessoas como vocês têm um chalé na serra da Estrela ou na Suíça.

Fred – Aqueles que não forem capazes de fugir para as montanhas vão matar-se uns aos outros para chegar ao topo das colinas, os andares superiores das torres...

Max – Esperando que não sejam arrastados pelas águas, eles também...

Alex – Mas se não contarmos nada a ninguém, apenas uns privilegiados e bem informados tomarão as precauções necessárias para terem uma hipótese de sobrevivência.

Sam – Certamente... De qualquer forma, não seremos capazes de salvar todos.

Fred – Vamos ter de votar outra vez? Mas em quê?

Sam – Já não vale a pena apressar as coisas. A situação está a mudar a cada hora. Para não dizer minuto a minuto. *(O telemóvel toca e ele responde.)* Sim... Está bem... Ligue-me de volta assim que tiver algo novo... *(Ele guarda o telemóvel)* Os cientistas aperfeiçoaram ainda mais os seus cálculos. Há agora apenas uma em cada dez hipóteses de a Terra ser atingida por estes detritos de asteróides

Max – Tudo por aquilo...

Alex – E os homenzinhos verdes?

Fred – E esta escola para descentralizar para outra galáxia?

Sam – Não tenho notícias sobre isso...

Fred – Talvez tenham sido eles que explodiram este asteróide para nos proteger...

Sam – É uma hipótese, sim. *(O telemóvel do Sam toca e ele responde.)* Sam... Sim... OK... Está bem, eu trato disto...

Ele guarda o telemóvel, com um ar abalado. Os outros três esperam ansiosamente que ele decida falar.

Max – Então?

Sam – Acabei de ser informado de que todos os perigos foram agora removidos... O que resta deste asteróide passará muito além da órbita da Lua. Portanto, não haverá consequências para o nosso planeta, e a população não vai perceber nada.

Silêncio, entre consternação e alívio.

Fred – Acabou-se?

Sam – Sim. Parece que...

Alex aplaude lentamente e silenciosamente com um olhar irónico.

Alex – E terminou a comédia...

Max – Podemos voltar à nossa vida de merda ? Tal como antes... Estou quase desapontado...

Fred – É verdade... Com tudo isto, nunca tive a sensação de estar tão vivo em toda a minha vida.

Max – Como é que costumava dizer? Eros e Thanatos... Agora vai dizer-nos que teve um orgasmo...

Fred – Eu diria que tenho tudo o que preciso em casa, mas infelizmente, é só o meu gato que tenho à minha espera.

Max – Se só isso, pode sempre ser resolvido... Também sou livre...

Alex – Livre, isso ainda vamos ver...

Os olhos voltam-se para o Sam, que permanece em silêncio.

Fred – Sam?

Alex – Ainda vai alertar a população do desastre do qual acabaram de escapar, certo?

Sam – A decisão foi tomada ao mais alto nível. A população não será notificada.

Fred – Se esconder a verdade das pessoas elas vão descobrir de qualquer maneira... Vão ficar furiosos. Vão responsabilizá-lo.

Alex – Como o fim do mundo já não é para amanhã, já não há qualquer risco de pânico generalizado. Porquê manter as pessoas no escuro?

Max – Vamos ter de votar de novo?

Sam – Não haverá voto. Ninguém vai saber disso. E nada do que acabou de acontecer aqui nunca existiu.

Alex – Tudo bem, vamos fazer o que quiserem... e diremos o que quisermos.

Sam – Também recebi instruções sobre isto. Sinto muito mesmo. Isto é tudo um segredo de Estado. Não podemos correr o risco de deixá-los falar...

Alex – A sério? E o que pretende fazer para nos impedir? Matar-nos?

Fred – Não podes fazer isso! Você é a polícia, não é? Representa a Lei!

Alex – Eles fazem a Lei há muito tempo. Ainda acredita que a polícia está lá para proteger os cidadãos?

Max – Por que se preocupar em nos matar? De qualquer forma, ninguém acreditaria em nós.

Fred – Afinal de contas... Só tem de nos dizer que foi tudo apenas um jogo, e não vamos falar mais sobre isso.

Max – Um jogo de fuga. E finalmente conseguimos passar...

Sam – Sinto muito, mas nenhum de vocês vai sair daqui.

Ele tira a arma do coldre com um gesto teatral, estilo cowboy que desenha durante um duelo, mas a arma escapa-lhe das mãos e cai no chão à sua frente. O Alex agarra na arma e aponta-a ao Sam. Também podemos imaginar uma cena burlesca em câmara lenta, o Sam a sacar a arma e o Alex a atirar-se a ele para a agarrar.

Alex – Então não somos tão espertos agora.

Sam – O que vai fazer? Me matar?

Alex – Não me tente.

Fred – Não faças isso.

Max – E por que não? Este queria matar-nos aos três.

Sam – Não vai atirar.

Alex – A sério?

Sam – Ok, vá em frente, puxe o gatilho.

Alex – Afinal, o que estou a arriscar? Como disse, nada disto existiu.

Alex hesita.

Sam – Não é assim tão fácil matar uma pessoa, sabe... Mesmo quando sabemos que podemos fazê-lo impunemente. Milénios de ordem moral, desde o assassinato de Abel pelo seu irmão Cain, não desaparece numa hora.

Alex – Já lhe disse que não sou um crente.

Fred – Por favor, largue essa arma...

Max – Para ele atirar em nós? Não pode ser. Vá em frente, atire! Se tem oportunidade de se safar, é melhor tentar...

Alex hesita novamente antes de baixar a arma.

Alex – Ok, eu não vou atirar... Ainda não. Mas guardo esta arma comigo, e se tentar tirar-ma , acredite, eu saberei usá-la.

Sam – De qualquer forma, não importa. Pode atirar, não vai me matar.

Alex – A sério?

Sam – A menos que eu decida fazer-me de morto, claro.

Max – Acha que é imortal, é isso?

Fred – Ou tem um colete à prova de bala.

Sam – Esta arma não está carregada.

Alex – Está a mentir de novo.

Sam – É verdade estou a mentir.

Pausa.

Fred – Uma frase bastante difícil de interpretar.

Max – O quê?

Fred – Estou a mentir disse ele. Se for verdade, é porque ele não está a mentir.

Alex – E se ele está a mentir, é porque não é verdade.

Max – É um pouco complicado demais para mim...

Sam – De qualquer forma, não é uma arma de verdade.

Alex – Não brinque...

Sam – É um acessório de teatro...

Max – Um acessório?

Pausa.

Alex – Então na sua opinião, estamos no teatro, agora?

Max – Era só o que faltava...

Fred – Mas isso, é impossível, todos os teatros estão fechados há anos por causa da pandemia.

Sam – Quase todos, de facto. Mas alguns estão a resistir. Sem o conhecimento das autoridades de saúde e da polícia.

Alex – Então... Estávamos a fazer uma peça?

Sam – E a peça está terminada. Vamos receber uma salva de palmas, com sorte, e depois espero que volte para o seu camarim, e depois pode ir para casa. Ninguém vai morrer. Bem, pelo menos hoje não. O espetáculo acabou.

Fred – Então não é polícia?

Max – Mas então... Quem é você?

Sam – Sou o director.

Alex – Então tudo o que estava errado...

Sam – Era falso e era verdade ao mesmo tempo. Era teatro.

Max – Mas não somos comediantes!

Sam – Vocês foram seleccionados para participar de um espetáculo improvisado. Todas estas pessoas são espectadores.

Fred – Então é você quem desafia a Lei. Todas as apresentações de teatro estão estritamente proibidas.

Sam – Pertencço a uma organização secreta, que está a tentar reviver clandestinamente o espetáculo que outrora se dizia estar vivo...

Alex – E onde estamos?

Sam – Estamos no Teatro... *(Vamos mencionar aqui o nome do teatro onde a peça é apresentada).*

Pausa.

Fred – O teatro... Faz tanto tempo que já lá não vamos...

Max – Já nem sabemos para que era.

Sam – Para nada... Para pensar em...

Max – Pensar em quê?

Sam – No sentido da vida, por exemplo...

Fred – É verdade que depois de tudo isto, acho que vou ver a vida de forma diferente.

Sam – Se morremos num mês ou daqui a trinta anos, se cada um de nós morrer no nosso próprio canto ou todos juntos, afinal, o que muda?

Fred – A pergunta é o que queremos fazer com o resto das nossas vidas.

Max – E qual é a resposta certa?

Sam – No teatro, não há respostas certas. Só há boas perguntas.

Alex – De qualquer forma, nunca devemos desistir de viver com medo de morrer.

Fred – E quando a cortina cai, e saímos do palco, sob os aplausos ou sob os assobios, que pelo menos desempenhamos todo o papel das nossas vidas.

Os quatro estão em frente ao público para as saudações.

Sam – Senhoras e senhores, a atuação que acabaram de assistir é supostamente, totalmente ilegal, por isso, quando saírem daqui, mesmo que gostassem, não contem a ninguém. Obrigado antecipadamente pela sua discrição...

Blackout

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Para aqueles que desejam apenas ler estas obras ou que preferem trabalhar o texto a partir de um formato livro tradicional, uma edição em papel mediante pagamento, pode ser encomendada no site Amazon, a um preço equivalente ao custo de uma fotocópia deste arquivo.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Gay friendly
Há um autor na sala?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
Pequeno homicídio sem consequências
Quarentena
Quatro estrelas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-824-2

Documento para download gratuito